

O VALOR DE EDUCAR¹

THE VALUE OF EDUCATION

Idanir Ecco²

*A criança não é uma garrafa que se deve encher,
mas um fogo que se deve acender.*
(Montaigne).

RESUMO:

O tem como parte da premissa de que os processos de interação são condições para a existência humana, bem como reforça as questões postas pelo autor da obra resenhada: O que é a educação e o que representa nos dias atuais? A quem pertence a responsabilidade de educar e donde emana essa autoridade? Ela deverá desenvolver a autonomia do sujeito ou a coesão social? Como deve a educação lidar com a tensão entre a disciplina e a liberdade? É moralmente obrigatório educar? Em oposição à visão pessimista da educação, o texto apresenta uma visão otimista e entusiasta da tarefa de educar, realçando, quer a valorosidade e a validade da educação, quer a coragem e a bravura da atividade docente.

Palavras-chave: Educar. Humano. Ensino. Família. Liberdade.

A aprendizagem é condição imprescindível para tornarmo-nos humanos, sendo que sozinhos nada aprendemos, isto é, a possibilidade do aprender está na interação. Um dos primeiros elementos que a educação transmite aos seres pensantes é que não somos únicos e que precisamos interagir com outros seres, condição sem a qual não existimos.

A obra proposta para esta resenha, de autoria de Fernando Savater³, professor catedrático de Filosofia na Universidad Complutense de Madrid, discute as implicações de tornarmo-nos humanos por meio da educação.

A obra está estruturada em seis (06) capítulos, interligados pela temática abordada e fundamentada em diversos filósofos, de diferentes épocas, em que o autor

¹ Resenha da obra: SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005, 229 p.

² Mestre em Educação – UPF e Professor da URI Campus de Erechim.

³Fernando Fernández-Savater Martín nasceu em San Sebastián em 1947. É autor de uma vasta obra que abarca o ensaio, a narrativa e o teatro. Recebeu o Prêmio Francisco Cerecedo da Associação de Jornalistas Europeus e o Prêmio Sakharov de Direitos Humanos. Entre muitas outras obras destaca-se a *Instruciones para Olvidar D. Quijote*, *Apologia del Sofista*, *Caronte Aguarda*, *Diário de Job*, *Ética para Fernando Amador*, *El Jarim de las Dudas*, *Las Preguntas de la Vida* e *Perdonen las Moléstias*.

valoriza a função de quem toma para si a tarefa de educar, seja a família, seja o professor.

Com um prefácio, do próprio autor, misto de dedicatória, intitulado “À guisa de Prólogo: Carta à Professora”, inicia o livro, objetivando render, à professora, tributo de admiração, bem como para recomendar a leitura do ensaio. Justifica que tem optado pelo feminino, pois constata que, majoritariamente, o ensino está a cargo do sexo feminino e enfatiza: “entre os parâmetros básicos que se podem indicar para calibrar o desenvolvimento humanista de uma sociedade [...] é [...] o tratamento e a consideração que ela dispensa a seus professores [...]”.(p. 12). Salienta que a tarefa de educar deve estar permeada pelo otimismo, mesmo que o de imediato que presenciamos, pareça-nos desalentoso. Enquanto educador, ser otimista é a alternativa, uma vez que ensinar pressupõe otimismo, “pois educar é crer na perfectibilidade humana, [...] que nós, homens, podemos melhorar uns aos outros por meio do conhecimento”. (p. 22). Encerra o prólogo sentenciando: “os pessimistas podem ser bons domadores, mas não bons professores”. (p. 22).

Em “O aprendizado humano”, primeiro capítulo, inicia citando Graham Greene⁴, em que afirma que “ser humano é um dever” (p. 25). Neste particular, “humano” é entendido como adjetivo, isto é, o dever de ter compaixão para com o próximo, solidariedade. No entanto, o emprego da palavra humano revela uma verdade antropológica: “nós humanos nascemos já o sendo, mas só depois o somos totalmente. [...] nascemos para a humanidade.” (p. 26). O aprendizado humano concretiza-se por meio dos processos educacionais, tanto formais quanto informais e os esforços pedagógicos só existem entre os humanos, pois somente os humanos podem constatar sua ignorância: “os membros da sociedade humana não só sabem o que sabem, eles também percebem e perseguem corrigir a ignorância dos que ainda não sabem ou que acredita que sabe erroneamente”. (p. 30). E o esforço para ensinar está relacionado à constatação da ignorância (que o outro não sabe) e na desejabilidade que o outro, também, saiba. Compreende que “ensinar é sempre ensinar ao que não sabe, e quem não indaga, constata e deplora a ignorância alheia não pode ser professor, por mais que saiba”. (p. 31). Evidencia que o que caracteriza o ser humano é o aprender: “o homem

⁴ Henry Graham Greene (Berkhamsted, Inglaterra; 2 de outubro de 1904 – Vevey, Suíça; 3 de abril de 1991) foi um escritor inglês, com uma obra composta de novelas, contos, peças teatrais e críticas literárias e de cinema. Formou-se na Oxford University e começou sua carreira como jornalista, trabalhando como repórter e sub-editor do Times. Publicou cerca de 60 romances.

só é através do aprendizado” (p. 33), mas aprender com os outros seres humanos, pois não somos únicos. Nossa condição necessita o intercâmbio com os outros.

“Os conteúdos do ensino”, constituem-se no tema central discutido por Savater no segundo capítulo, considerados necessários no processo de hominização dos seres humanos, uma vez que, como atesta o autor, “para ser homem não basta nascer, é preciso também aprender”, (p.39), pois, ao nascer, o ser humano ingressa num mundo em que a marca humana já existe (tradição de técnicas, mitos, ritos, saberes...) e que fará parte dela e na qual vai se formar. E, dessa situação, decorre que todos estamos capacitados para ensinar algo aos nossos semelhantes. Porém, o ensino como dedicação profissional de alguns foi instituído porque, mesmo que qualquer um seja capaz de ensinar algo a alguém, não significa dizer que qualquer pessoa seja capaz de ensinar qualquer coisa. Insiste, no texto, que o ensino revela a “[...] nossa filiação simbólica a outros semelhantes [...]” (p. 46). Confirma, também, que a educação humana é uma ação deliberada e coerciva.

Retoma, nessa divisão do livro, o ideal educacional grego (Paidéia⁵) para apontar, analiticamente, funções binárias nas concepções dos fazeres pedagógicos, isto é, “a que separa a educação, propriamente dita, por um lado e a instrução, por outro” (p. 47). Afirma que a contraposição entre educação e instrução é enganadora, estéril. Sustenta que o melhor preparo técnico, carente de desenvolvimento das capacidades morais, de uma mínima disposição de independência, formará robôs assalariados e não pessoas íntegras.

No capítulo três (03), cujo título “O eclipse da família”, denuncia e aponta impactos em relação ao fato de que a família, atualmente, não desempenha, plenamente, seu papel socializador dos neófitos, denominado, por Savater, de socialização primária. Salienta que escola e família têm papéis diferenciados quanto ao processo educacional e que estão interligados, na dependência entre ambos: “se a socialização primária tiver se realizado de modo satisfatório, a socialização secundária será mais frutífera, pois terá uma base sólida sobre a qual assentar seus ensinamentos [...]”. (p. 58).

Na seqüência, deste mesmo capítulo, aponta e analisa causas que concorrem para a renúncia familiar no processo educacional, como, por exemplo, a crise de autoridade

⁵ O ideal educativo na Grécia Antiga aparece como paidéia, formação geral que tem por tarefa construir o homem como homem e como cidadão. Platão, filósofo grego, define paidéia como a essência de toda a verdadeira educação e dá ao homem o desejo e a ânsia de se tornar um cidadão, tendo a justiça como fundamento.

na família. Observa que na atualidade existe um “[...] fanatismo pelo juvenil nos modelos de comportamento” (p.62) e para que a família exerça efetivamente seu papel educacional “[...] é imprescindível que alguém nela se resigne a ser adulto”. (p. 64). A influência da televisão é apresentada como outro fator para entender o eclipse da família na função educacional: “enquanto a função educacional da autoridade paterna se eclipsa, a educação da televisão está cada vez mais no auge [...]”. (p.73). Assevera, considerando a situação exposta acima, que a tarefa na escola complica-se, pois ela tem que dar conta dos elementos da socialização primária, que deveria ser de responsabilidade da família.

Conclui a reflexão sobre o obscurecimento educacional familiar esboçando a forma pela qual a escola atual pode abordar temas que deveriam pertencer à socialização familiar e chama a atenção aos professores que “[...] a escola serve para formar pessoas sensatas, não santos”. (p. 86).

No quarto capítulo, “A disciplina da liberdade”, inicia respondendo a pergunta relacionada ao por que educamos: “[...] não educamos as crianças só para o bem delas, mas também, e talvez principalmente, por razões egoístas” (p. 90). Na seqüência, discorre sobre as razões de por que educamos e reafirma que educamos “[...] para não morrer, para preservar certa forma de perenidade, para nos perpetuar através do educando, tal como o artista tenta perdurar por meio de sua obra”. (p. 90). Afirma que a educação dá forma a seres humanos e que, nesse sentido, responde primeiramente aos interesses dos educadores, do que dos educandos. Demonstra, argumentativamente, que o caminho para chegar a ser livre e autônomo passa por uma série de coações de instrução. Destaca que “[...] a liberdade de que estamos falando não é um apriori ontológico da condição humana, mas um êxito da nossa integração social”. (p. 93). Para justificar sua assertiva cita e desenvolve a idéia de Hegel⁶: “ser livre não é nada, tornar-se livre é tudo”. (p. 93).

Em “Uma humanidade sem humanidades”, capítulo cinco (05), aponta para o desaparecimento, nos programas de estudo, das humanidades, substituídas por especialidades técnicas, pois “[...] os programas de ensino geral tendem a reforçar os conhecimentos científicos ou técnicas de suposta utilidade prática imediata, ou seja, diretamente aplicáveis ao trabalho” (p. 112). A ênfase nas especialidades técnicas

⁶ Georg Wilhelm Friedrich Hegel (Estugarda, 27 de agosto de 1770 — Berlim, 14 de novembro de 1831) foi um filósofo alemão. Recebeu sua formação no Seminário da Igreja Protestante, em Württemberg.

comprometerá, nas gerações futuras, a visão histórica, literária e filosófica, imprescindível na formação e desenvolvimento da humanidade.

Discorre sobre a conceituação de “humanidades”, remetendo-a à sua origem renascentista e discutindo-a no contexto da docência. Compreende que “a educação humanista consiste antes de tudo em fomentar e ensinar o uso da razão, essa capacidade que observa, abstrai, deduz, argumenta e conclui logicamente”. (p. 131). Propõe, argumentativamente, que, no aprendente, deve-se potencializar a capacidade de perguntar e de se perguntar. Em suma, estimular a inquietude como elemento despertador à aprendizagem na perspectiva das humanidades.

Em “Educar é universalizar”, sexto e último capítulo, fundamenta a tese de que “a educação tem como objetivo completar a humanidade do neófito [...]”. (p. 142). Robustece que, um ideal de vida e um projeto de sociedade, sempre acompanham os processos de ensino, tanto formais, quanto informais. Neste contexto, legitima que “a educação transmite [...] certos comportamentos e certos ideais. Nunca é neutra: escolhe, verifica, pressupõe, convence, elogia e descarta”. (p. 147). Compreende que o ideal básico da educação atual deve ser a conservação e a promoção da universalidade democrática, pois, “universalizar a educação consiste em acabar [...] com manobras discriminatórias”. (p. 149).

No epílogo da obra, a exemplo do prefácio, Savater, redige uma carta à ministra de Educação da Espanha, datada em dezembro de 1996. Na referida missiva, o autor, refere-se a temas relativos ao ensino obrigatório, à liberdade política, ao sistema democrático, ao sentido da educação, ao ensino pluralista, ao preparo cultural autêntico das pessoas. Informa à ministra que a pretensão do ensaio, “O valor de educar”, fora elaborar “[...] uma consideração geral sobre a educação do ponto de vista da liberdade democraticamente instituída”. (172). E encerra indagando e respondendo à senhora ministra: “Sabe qual é o efeito mais notável da boa educação? Despertar a fome de mais educação, de novos aprendizados e ensinamentos”. (p. 177).

Numa época de grandes inquietudes, educar é, cada vez mais, uma tarefa a um tempo valiosa e valorosa, como nos sugere Savater. Numa reflexão de caráter filosófico, o autor discorre, com a seriedade sobre a educação permitindo uma leitura agradável, envolvente e instigadora, mediante linguagem acessível que nos permite seguir os raciocínios com entusiasmo.

Este ensaio é de leitura necessária a todos os que se envolvem com educação de seres humanos, portanto para pais, professores e educadores. Ademais, deve

acompanhar a todos aqueles que se encontram na esfera do ensino e suscitar, nos restantes dos cidadãos, um debate a cerca das questões fundamentais da educação.

ABSTRACT: *The text starts from the premise that interaction processes are necessary conditions for human existence. This statement strengthens the questions posed by author of the book under review: What is education and what does it represent nowadays? Who bears the responsibility for educating and where does that authority come from? Should one develop subject autonomy or social cohesion? How should education deal with the tension between discipline and freedom? Is it morally compulsory to educate? In contrast to pessimistic view on education, the text shows an optimistic and enthusiastic vision of the task of educating, enhancing the education validity and value, and the courage and bravery of teaching activity.*

Keywords: *Educate. Human. Education. Family. Freedom.*